

Narrativas de um professor de matemática do Curso Normal do IEEOB: descortinando memórias¹

Narratives of a mathematics teacher from the Regular Course of IEEOB: uncovering memories

Narrativas de un profesor de matemáticas del Curso Normal del IEEOB: destapando recuerdos

Carla Coradini²  

Rita de Cássia Pistóia Mariani³  

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar memórias da formação do Prof. Ednel, trajetória profissional e o ensino de matemática no Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEOB) no período de 1987 a 2008. A demarcação temporal foi estabelecida em função da constatação que o professor foi quem mais tempo ministrou aulas de Matemática no Curso. A metodologia da história oral foi suporte teórico-metodológico para a realização da entrevista e diálogo com as memórias. Como resultados evidenciou-se que a trajetória escolar contribuiu para a escolha da profissão professor de Matemática. A formação acadêmica foi sólida no que tange conhecimentos matemáticos, porém escassa em saberes pedagógicos. O ensino de matemática destacou conteúdos como medidas e abordagem reflexiva e crítica. Concluiu-se que a formação e trajetória profissional do entrevistado apresenta congruência e riqueza de experiências que se refletiu na atuação docente e no modo de e como ensinar Matemática.

Palavras-chave: História Oral; Matemática; Curso Normal; Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

ABSTRACT

The objective of this article is to present memories from the training of Prof. Ednel, his professional trajectory and the teaching mathematics in the Regular Course of Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEOB) from 1987 to 2008. The temporal demarcation was established due to the finding that the teacher was the one who taught Mathematics classes on the Course for the longest time. The oral history methodology provided theoretical-methodological support for conducting the interview and dialogue with the memories. The results showed that the school trajectory contributed to the choice of the profession of Mathematics teacher. The academic training was solid in terms of mathematical knowledge, but little in terms of pedagogical knowledge. Mathematics teaching highlighted content such as measurements and a reflective and critical approach. It was concluded that the interviewee's training and professional trajectory presents congruence and richness of experiences that were reflected in his teaching performance and in the way and how to teach Mathematics.

Keywords: Oral History; Mathematics; Regular Course; Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar memorias de formación del Prof. Ednel, su trayectoria profesional y la enseñanza de las matemáticas en el Curso Normal del Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEOB) en el período de 1987 a 2008. La demarcación temporal se estableció debido al hallazgo de que el docente fue quien impartió las clases de Matemáticas del Curso por mayor tiempo. La metodología de la historia oral brindó soporte teórico-metodológico para la realización de la entrevista y el diálogo con las memorias. Los resultados mostraron que la trayectoria escolar contribuyó para la elección de la profesión de profesor de Matemáticas. La formación académica fue sólida en cuanto a conocimientos matemáticos, pero escasa en cuanto a conocimientos pedagógicos. En la enseñanza de las matemáticas se destacaron contenidos como las mediciones y un enfoque reflexivo y crítico. Se concluyó que la formación y trayectoria profesional del entrevistado presenta congruencia y riqueza de experiencias que se reflejaron en su desempeño docente y en la forma y cómo enseñar Matemáticas.

Palabras clave: Historia Oral; Matemáticas; Curso Normal; Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

1 O presente artigo está embasado em um dos manuscritos que compõem a dissertação da primeira autora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Ensino de Física da Universidade Federal de Santa Maria.

2 Doutoranda em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora da Educação Básica, Secretaria de Educação (SEDUC), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Rua Marechal Floriano Peixoto, 1357, Apto. 302, Centro, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, CEP: 97015-373. E-mail: carlacoradini77@gmail.com.

3 Doutora em Educação Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente Associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Rua Tuiuti, 2462 Apto.702, Centro, Santa Maria, Rio Grande do Sul, CEP: 97050-420. E-mail: rcpmariani@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A mais antiga escola pública da cidade de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul, reconhecida por sua história e tradição na formação de professores, é o Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEOB). Ele foi fundado por meio do Decreto nº 397, de 27 de agosto de 1901, homologado pelo mandatário do estado Antônio Augusto Borges de Medeiros. Ao longo dos 122 anos, o IEEOB tem sido farol de conhecimento, influenciando distintas gerações e contribuindo significativamente para o desenvolvimento educacional da região.

Com arquitetura que reflete a época de sua fundação, a República Velha (1889-1930), a escola conserva a atmosfera saudosa de tempos passados, enquanto continua a se adaptar e desenvolver para atender às necessidades contemporâneas da educação. Seus professores laboriosos e comprometidos têm desempenhado ao longo dos anos, papel essencial na formação integral dos estudantes, produzindo um legado duradouro. Desse modo, podemos inferir que o IEEOB é um símbolo de perseverança educacional na cidade de Santa Maria.

Durante sua trajetória o IEEOB possuiu seis formatos de constituição escolar. Primeiramente, ofertava o Curso Complementar, destinado a formação de professores primários e Curso Elementar que atendia de 1º a 5º ano. Entre 1910 e 1928, possuía apenas o Curso Elementar, pois o governo do estado através do Decreto nº 1.479 de 26 de maio de 1909, estabeleceu que somente a capital promoveria Curso Complementar.

Em 1929, foi autorizada novamente a formação de professores no interior do estado. De modo que o Decreto nº 4322, emitido pelo governador do estado Getúlio Vargas, autoriza implantar o Curso Complementar na escola de Santa Maria. A partir desse momento o IEEOB se consolida, praticamente suprimindo a demanda de professores primários, tanto do campo quanto da cidade. Ainda, pode-se observar o fortalecimento da escola nos anos de 1932 a 1939 através do número de matrículas que variou entre 789 e 1213 (leeob, 1932, 1939).

No ano de 1941, o Decreto nº 97, promulgado pela Interventoria Federal, reorganizou em novas bases a Escola Complementar, a qual foi denominada Escola Normal Olavo Bilac. Dessa forma, dentre os cursos ofertados evidencia-se o Curso Normal, o qual se destina à formação técnica de professores primários e o seu ensino contempla diversas disciplinas, agrupadas segundo a sua natureza e objetivos (Farias; Souza, 2013).

Essa trajetória contribuiu significativamente para impulsionar o último formato que está em vigor até os dias atuais. Ele foi almejado pela gestão escolar de Adelmo Simas Genro (1921-2003), entre 1961 e 1962, juntamente com intensa ação da comunidade, pois foram elaboradas as bases para transformar a escola em Instituto de Educação, ou seja, um centro de “[...] formação geral e profissional de professores primários e especializados e administradores escolares” (Rio Grande do Sul, 1939, p. 5).

Entre as correspondências enviadas ao governo do estado, consta um ofício que relata: “A Direção da Escola Normal Olavo Bilac, interpretando o sentir unânime da população desta cidade, centro de irradiação de cultura [...] deseja contar com a decisiva interferência de V. Excia. para a concretização dos anseios dessa inflamada campanha” (leeob, 1961, p. 3).

Nesse documento, dentre a exposição dos motivos para almejar o patamar de Instituto de Educação estão: a função cultural da cidade por sediar uma Universidade Federal; a posição geográfica de Santa Maria conhecida como “cidade Coração do Rio Grande”; o intercâmbio efetivo com municípios vizinhos; os recursos materiais e humanos já existentes, necessitando de pequena suplementação (Leeob, 1961). Desse modo, o Decreto nº 13.419, de 17 de abril de 1962, confere o “[...] início das atividades do novel Instituto de Educação” (Leeob, 1962, p. 10). Sendo o primeiro a ser implementado no interior do Rio Grande do Sul (Bairros, 2018; Pacheco, 2011; Oliveira, 2015).

Sendo assim, a escola adentrou a década de 1970 ofertando Jardim da Infância, Ensino de 1º Grau e Habilitação Especial Magistério a nível de 2º Grau. Esta estrutura segue até a década de 2000, quando a escola passa a promover também, Curso Normal em nível pós-médio, Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Desse modo, o IEEOB chega em 2024 mantendo em funcionamento Ensino Fundamental-anos iniciais e finais, Ensino Médio, EJA, grau médio e Curso Normal em dois níveis: médio e pós-médio.

Apesar de uma trajetória de 123 anos, não localizamos que estudos indicam informações sobre matérias e professores que promoveram o ensino de saberes do campo matemático no IEEOB ao longo desse período, principalmente pela falta de existência de fontes. Diante desse contexto, Coradini (2022) analisou 1493 diários de classe do período de 1982 a 2017, e identificou 901 que se referem à matéria Matemática. Dentre os resultados, constatou que 11 professores ministraram essa matéria no Curso Normal do IEEOB. Além disso, concluiu que o Prof. Ednel José Arruda foi o que atuou mais tempo, durante 22 anos ininterruptos. Por esse motivo, este artigo é constituído a partir da análise de uma entrevista com esse docente e objetiva apresentar memórias da formação do Prof. Ednel, sua trajetória profissional e o ensino de matemática no Curso Normal do IEEOB no período de 1987 a 2008.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A principal fonte deste estudo é uma entrevista semiestruturada que foi previamente agendada com o Prof. Ednel, a fim de determinar a melhor data, horário e local. Por sua sugestão, ela ocorreu em Santa Maria, no dia 17 de dezembro de 2021, na sua residência. Além do diário de campo da entrevistadora Carla Coradini a conversa foi gravada por meio digital em um smartphone e um notebook. Cabe destacar que o entrevistado não se mostrou inibido com a presença dos equipamentos, ao contrário, sentiu-se à vontade e valorizado pela preparação do momento. Além disso, chamou sua esposa para registrar por meio de fotos o momento com a entrevistadora.

O encontro durou mais de 4h, inicialmente houve um momento de descontração, com agradável conversa e uma calorosa recepção, o que tornou as interlocuções um diálogo leve e prazeroso. Após esse momento iniciou-se a gravação que totalizou 2h 14min 34s e versou sobre cinco tópicos: dados de identificação do entrevistado; trajetória escolar; trajetória acadêmica; inserção no IEEOB como docente; o ensino de matemática.

A seguir procedeu-se a transcrição, na íntegra e, posteriormente, remeteu-se uma cópia ao participante para realizar leitura, conferência, supressão e/ou acréscimos de trechos e falas. Após essa revisão o Prof. Ednel assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

concedendo os direitos de utilização das narrativas na redação da pesquisa e publicação desta para fins científicos e culturais, assim como, a divulgação de sua identidade.

Para estabelecer um panorama da situação que fora vivenciada, respeitando o resgate de memórias do entrevistado no que se refere às suas vivências acadêmicas e profissionais em Matemática, o estudo ancora-se na história oral. Essa metodologia “[...] é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento, e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” (Meihy, 2005, p. 17).

Assim, compreende-se que a história oral pode contribuir para documentar experiências de vida de indivíduos ou grupos, visando preencher lacunas presentes no registro histórico ou ausências destes. Nessa perspectiva, este estudo apresenta uma breve biografia e lembranças do trabalho do professor de Matemática que foi regente no Curso Normal no período de 1987 a 2008. A fonte oral não é apenas uma memória particular do entrevistado, mas sim são recordações de um sujeito inserido em um contexto social, que vivenciou fatos, acontecimentos que marcaram sua trajetória.

Para subsidiar a composição do roteiro da entrevista semiestruturada bem como entrelaçar os dados obtidos nela foram utilizadas fontes localizadas na Secretaria Pedagógica do IEEOB (Quadro 1) que contém documentos diversificados, incluindo diários de classe e documentos normativos elaborados pela escola. Estes materiais não estão inventariados e nem todos estão catalogados.

Quadro 1 - Fontes

Documento	Ano	Descrição
Diário de Classe	1982 a 2008	Documento de responsabilidade do professor o qual contém especialmente conteúdos desenvolvidos.
Plano Global	1985-1993	Documento elaborado pela supervisão escolar no início de cada ano letivo, que detalha a programação de todas as atividades curriculares e pedagógicas.
Plano Integrado	1996-1997	Aborda o papel do professor e das matérias na dinâmica curricular.
Regimento Escolar	1983-1993- 1998-2002- 2003-2004- 2005-2006- 2007-2008	Documento que estabelece a organização pedagógica do Curso Normal.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de documentos do IEEOB.

Nas próximas duas seções apresentamos lembranças de um professor de Matemática sobre sua jornada escolar, acadêmica, a inserção no contexto escolar e o ensino de matemática no IEEOB. Elas são como um intrincado quebra-cabeça, onde cada peça representa um momento significativo em sua trajetória. Desde os primeiros anos escolares, onde a curiosidade pela Matemática despertou, até os desafios acadêmicos e profissionais. As memórias se entrelaçam com os momentos de superação, aprendizados, descobertas e laços construídos com colegas e estudantes.

A FORMAÇÃO: JORNADA ESCOLAR E ACADÊMICA

O Prof. Ednel José Arruda nasceu em 26 de setembro de 1952, na cidade de Santa Maria, RS e sua formação escolar ocorreu em instituições públicas do município nos anos das décadas de 1960 e 1970.

Prof. Ednel: *Estudei no colégio primário Castro Alves, que fica na Vila Oliveira. Hoje está localizado no fundo do Regimento Mallet, eu não sei o nome da rua, mas uma escola antiga, municipal. Estudei no Fontoura Ilha e depois Castro Alves. Fui para o Maneco para fazer o Ginásio, e Científico. Eu fui a última turma de Ginásio e de Científico, depois com a reforma do ensino na época passou a ser Ensino de Primeiro Grau e Segundo Grau, o Primeiro Grau era o Ginásio, o Segundo Grau o Científico. Depois passou para Ensino Médio e Ensino Fundamental que é assim até hoje.*

As três instituições estão em funcionamento, mas obtiveram-se raras informações sobre as duas primeiras. A escola que o entrevistado cursou o Ginásio e Científico hoje é carinhosamente conhecida pelos santa-marienses como “Maneco”⁴. Tal instituição iniciou suas atividades nas dependências do IEEOB e aproximadamente um ano após foi transferida para um prédio construído pela Cooperativa da Viação Férrea de Santa Maria, que havia sido inaugurada em 1930 para presidir a Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha do Menino Jesus⁵. Esta funcionava desde 1921 em um estabelecimento que foi ficando pequeno e era a seção feminina da Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor, fundada pela mesma cooperativa em 1917 até 1962. Atualmente o Maneco é um Colégio Estadual de Ensino Médio bastante almejado pelos estudantes e a edificação a partir do ano 2000 através da Portaria nº 30 da Secretaria de estadual de Cultura, tornou-se patrimônio histórico do estado do RS.

Em relação à organização do ensino, às pessoas com menos de 50 anos não conheceram os tempos em que a educação escolar era organizada em Primário, Ginásio e Científico. Esse modelo se refere a década de 1960. Quem chegava ao 4º ano do Primário e optasse a cursar o Ginásio deveria realizar e ser aprovado no exame de admissão. Caso contrário, estudaria mais um ano, ou seja, concluiria o 5º ano do Primário. A alteração de nomenclatura das etapas de ensino que o Prof. Ednel se refere, está relacionada a Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, a qual fixou diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau e foi sancionada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici (1905-1985). Além disso, encerrou com a divisão na primeira etapa educacional.

Prof. Ednel: *Eu peguei a transição da reforma da Matemática que tem todo um histórico por trás, em função da 2ª Guerra, que os oficiais tinham dificuldade de calcular a parte de Geometria. Então, houve essa mudança para matemática mais algébrica. Embora eu lembre que eu estudei um livro, não tenho certeza, mas eu acho que era do Osvaldo Sangiorgi, para fazer o exame de admissão, que era um vestibular, e ali tinha muita Aritmética. Eu acho que o ensino de matemática perdeu quando retiraram a Aritmética para passar para a parte de Álgebra. A ideia era por exemplo, na Aritmética se raciocinava mais, era mais difícil porque exigia mais raciocínio, você concluía, fazia isso, aquilo. Na Álgebra introduziram as letras com a intenção de favorecer o ensino,*

4 Fundada em 1953 por meio do Decreto nº 4204, sancionado pelo governo do estado do RS, Ernesto Dornelles (1897-1964) e nomeada por Colégio Estadual de Santa Maria teve sua denominação alterada no ano seguinte, 1954, através do Decreto nº 4957 passou a ser chamado Colégio Estadual Manoel Ribas.

5 A Escola Santa Terezinha, durante os anos de 1921 a 1942, realizou mais de onze mil matrículas de alunas, entre internas e externas, encerrando em 1942 suas atividades (Perez, 1998, p. 146).

em prejuízo do raciocínio.

A reforma de ensino que o Prof. Edenel profere refere-se a algumas das consequências da implementação do Movimento da Matemática Moderna surgido na metade do século XX e influenciou o ensino de matemática no mundo. No Brasil, ocorreu de modo e em tempos distintos, dependendo da região (Dynnkov; Heidt, 2019). No Rio Grande do Sul, em específico, Búrigo, Fischer e Santos (2008) indicam que somente na segunda metade dos anos 1960, as escolas gaúchas passaram a orientar-se pelos princípios da Matemática Moderna. Esse processo de mudanças no ensino de matemática marcou a trajetória escolar do Prof. Edenel, inclusive no que tange aos estudos para o exame de admissão para o Científico. Com resultado satisfatório, o Prof. Edenel foi aprovado e ainda se sentiu motivado em relação à Matemática, recordando-se que administrava o tempo e não se dedicava exclusivamente aos estudos.

Prof. Edenel: *Eu me classifiquei, então a partir daí eu estava entusiasmado, eu sou cobra em Matemática. Eu nunca fui um aluno 10 em Matemática, eu ia bem, mas não era 10. Outra coisa que eu fazia como aluno, por exemplo, eu tinha uma certa segurança em Matemática, e aquela semana chamada de sabatina, semana de prova, eu deixava as disciplinas que eu estava bem de nota e estudava Inglês, Francês, Geografia. Eu jogava, administrava as minhas notas, vou deixar Matemática que não tem problema para estudar as que eu tinha mais dificuldade. [...] eu fiz o Ginásio e Científico trabalhando de dia e estudando de noite. Eu só fiz a primeira e segunda série do Ginásio de dia, depois comecei a trabalhar, tinha que fazer isso aí para sobreviver. Eu não estou achando uma desculpa, é normal. Não era só eu, muitos colegas meus faziam isso. Uma coisa interessante que as pessoas não sabem é que quanto menos tempo você tem disponível maior o teu aproveitamento.*

Com este mesmo perfil, de estudante que trabalha durante o dia e frequentava a escola no período noturno desde o 3º ano do Primário, dentre 1976 e 1979, o Prof. Edenel realizou o Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC). Tal instituição foi fundada por meio do Decreto nº 37103 do governo federal, em 1955 na cidade de Santa Maria, RS e atualmente denominada Universidade Franciscana (UFN). A instituição tinha por finalidade ofertar formação de professores por meio de cursos de licenciaturas e sempre esteve vinculada à Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, associadas à Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis.

O curso de licenciatura em Matemática da FIC foi o primeiro a ser implementado no interior no RS, por meio do Decreto nº 47.347 de 1959 expedido pelo governo federal. Na década de 1970 era noturno, sendo oportuno para estudantes trabalhadores. Sendo assim, por essa característica do Curso e pela afinidade com a matéria, foi a escolha do Prof. Edenel para graduar-se em nível superior. De acordo com Curi (2000), no fim da década de 1960, a necessidade de formar professores era grande pois diante da alta demanda havia falta de profissionais habilitados e com isso, existia emprego para professores de Matemática, além do que, a profissão era valorizada, tinha status e bom salário.

Prof. Edenel: *Na época como eu tinha que trabalhar e estudar, então optei por cursar Matemática, pois eu sabia que teria um bom campo de trabalho. Sempre faltou professor de Matemática e eu acho que ainda falta, hoje. Tanto é que eu comecei a*

trabalhar e eu não era formado.

Embora o curso escolhido pelo Prof. Ednel não era gratuito, o que exigiu investimento financeiro, para as classes menos favorecidas economicamente, o acesso à educação pode ser um catalisador que pode transformar vidas de maneiras significativas. Desse modo, a educação já era considerada como chave para a mobilidade social.

Prof. Ednel: *Eu era um bom aluno, tinha boas notas. Eu me dedicava, cansei de amanhecer estudando, e no outro dia tinha que trabalhar, aquela coisa de quem quer vencer. Hoje eu vejo muita gente dizer que é muito difícil, tem que trabalhar e estudar. Mas eu fiz isso a minha vida toda. [...] Eu não podia deixar para estudar no outro dia, principalmente na faculdade, não podia deixar para estudar porque tem prova de Cálculo amanhã, então eu vou estudar Cálculo hoje. Eu não vou deixar para estudar amanhã antes da aula porque não dá tempo, não vou conseguir assimilar, então estudava antes e se a prova fosse adiada já tinha outra em seguida. Eu tinha duas, três horas para estudar por dia e tinha que ser aquele espaço. Aquela espaço tinha que ser muito bem aproveitado e rendia muito mais. Uma coisa interessante que as pessoas não sabem é que quanto menos tempo você tem disponível maior o teu aproveitamento.*

Outro atrativo é que o Curso proporcionava dupla habilitação, tanto para Matemática quanto para Física. Isso era possível, pois para sustentar a reforma nos moldes da Lei nº 5.692 de 1971 e ampliar o número de professores habilitados, em 1974 o Conselho Federal de Educação (CFE) publicou a Resolução nº 30, que objetivava regulamentar a formação em nível superior de professores para as disciplinas escolares que compunham as áreas de Ciências da Natureza e Matemática, promovendo o que a Resolução nº 23 de 1973 propunha que era formar professor de disciplinas de um dado campo. Em relação a organização curricular do Curso, de acordo com o entrevistado ele lembra-se das seguintes matérias:

Prof. Ednel: *Nós tínhamos Didática, Didática da Matemática, Didática da Física, porque o Curso na época habilitava os alunos do curso de Matemática da FIC para dar aula de Matemática e Física. Eu tive seis semestres de Física, mais Física Moderna, tive seis ou sete Cálculos, Geometria Analítica, Estatística. O Curso era bastante completo. Eu tive uma coisa que marcou muito, eu não sei se continua, era Introdução a Matemática. Quem lecionava era professora Noemi, muito conhecida na época, era tipo um nivelamento, conteúdos só do Ensino Médio e Fundamental, ou do Ginásio e do Científico. Revisava tudo.*

Acerca do currículo: “[...] o Curso de Matemática da FIC sofreu influência da orientação trazida para o Brasil de pesquisadores italianos, com ênfase em problemas de geometria e álgebra” (Gazzoni, 2008, p. 3). Ainda, pode-se dizer que a década de 1970 foi um período de incertezas para os cursos de licenciaturas no país: “[...] sugere uma possível indecisão quanto às estruturas curriculares da Licenciatura frente à institucionalização da Reforma de 1968, que também foi um marco para a Universidade quanto a implementação do rompimento do modelo 3 + 1” (Gazzoni, 2008, p. 3).

Além destas matérias descritas anteriormente, o Prof. Ednel lembrou que teve uma disciplina durante um semestre para aprender a utilizar a régua de cálculo.

Prof. Ednel: *Tivemos uma disciplina durante um semestre para aprender a trabalhar com a régua de cálculo, é bem interessante. A professora era da Engenharia, tinha sobrenome Pimenta, ela foi minha vizinha, era minha amiga, ela nos dava como é que trabalha num sistema, tem a regra de cálculo, usava aquilo e nós começamos a questionar que estava aparecendo as máquinas de calcular eletrônicas. Já tinha uma máquina marca Texas, era uma máquina científica, mas era caríssima. Para quem trabalhava de dia para comer a noite era caro. Mas já tinha máquina, então se tem máquina hoje porque nós trabalhamos com régua de cálculo? Porque está no currículo. No outro semestre a turma que entrou depois, eles já não tinham mais, tiraram a disciplina que trabalhava régua de cálculo. Veja só, régua de cálculo por curiosidade é uma coisa que vale a pena você dar uma olhada uma hora, o que é uma régua de cálculo? Calculava tudo, seno, cosseno, tangente. Era bem completa, mas é um curso que a gente fazia. Fazia uma disciplina de um semestre só para manusear aquela régua de cálculo.*

A régua de cálculo mencionada pelo Prof. Ednel é um instrumento analógico de cálculo que foi amplamente utilizado antes do advento das calculadoras eletrônicas. Foi criada primeiramente em formato circular pelo matemático inglês William Oughtred, em 1622. Ele baseou-se na tábua de logaritmos desenvolvida por John Napier, em 1614. Um ano após, Oughtred apresentou outra versão para a régua de cálculo (Figura 1), dessa vez, consiste em uma régua fina e alongada, geralmente feita de madeira, metal ou plástico, com escalas gravadas ao longo de sua superfície.

Figura 1 - Régua de cálculo



Fonte: Brasil (2024).

Dentre as características da régua de cálculo, destaca-se a presença de escalas logarítmicas, que permitem a realização de operações matemáticas, como multiplicação, divisão, exponenciação e raiz quadrada, de maneira mais eficiente do que simples cálculos manuais. Para realizar cálculos com uma régua de cálculo, o usuário alinha os números em duas escalas diferentes e lê o resultado diretamente na escala correspondente. Embora tenha sido amplamente utilizada por estudantes e profissionais em diversas áreas na década de 1970, a régua de cálculo perdeu relevância com o avanço da tecnologia, especialmente após a popularização de calculadoras eletrônicas e computadores.

Além das matérias que compunham o curso de licenciatura realizado pelo Prof. Ednel ele recordou de professoras que contribuíram para sua formação. Durante a entrevista foi possível perceber o entusiasmo dele ao lembrar de pessoas inspiradoras que desempenharam relevantes funções em sua jornada acadêmica.

Prof. Ednel: *Eu tive várias professoras. Além da professora Noemi, a de Desenho tinha a Carmen Espíndola e a de Geometria era Carmem Bender, foi professora da FIC e da Universidade Federal. Um grande número de professores da época eu ainda lembro e continuo convivendo. Uma professora que convivo muito que foi coordenadora de Física depois trabalhou com o estágio, a professora Niles Coletto. Tinha também a Irmã Felicidade que foi diretora da FIC, trabalhou dando aula com prática, era uma sumidade, ela sabia muito.*

A Irmã Felicidade como era conhecida, chama-se Maria Augusta Silveira Neto. A referida professora formou-se em 1945 em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e dentre 1967 a 1968 especializou-se em Matemática no Centro Universitário de Lisboa, Portugal. Irmã Felicidade “[...] foi responsável pela boa formação que muitos tiveram, quando fizeram o curso de Matemática na FIC ou na UFSM, pois sua dedicação e gosto pela matemática contagiaram muitos jovens, influenciando-os na busca continuada de aperfeiçoamento” (Gazzoni, 2008, p. 4).

Outra recordação do Curso que o Prof. Ednel menciona que ainda hoje é motivo de preocupação, se trata da permanência nos cursos de graduação. Assim como o entrevistado, acredita-se que diversos fatores como questões financeiras, falta de suporte acadêmico e no caso da Matemática, o alto grau de dificuldade das matérias, podem ser fatores associados ao abandono dos estudos.

Prof. Ednel: *O interessante é que quando eu entrei na faculdade o número de alunos por ano era 80, foram aprovados no vestibular 80, duas turmas. Na primeira aula com a professora Noemi ele disse: olha é assim, o Curso de Matemática começa com 80, 40 desistem no primeiro semestre e 20 vão reprovar. Dos 20 que sobraram, 10 irão concluir. Ela errou, nós da nossa turma, a minha turma, quando se formou éramos 8, não 10. Vão ficando pelo caminho por vários motivos. Não sei se porque era difícil o Curso, que não era fácil, tinha que estudar e estudar muito. Hoje está um pouco diferente, mas naquela época você tinha que estudar, não tinha outra maneira.*

Após concluir sua formação inicial, o Prof. Ednel que trabalhava antes mesmo de graduar-se, deparou-se, anos mais tarde, com a vontade e oportunidade de aprofundar e ampliar seus conhecimentos através de uma pós-graduação. Sendo assim, concomitantemente às funções de professor, realizou o curso de Especialização em Matemática da UFSM, mais alto grau de pós-graduação que o Departamento de Matemática ofertava na época. O trabalho intitulado “Da Semelhança à Trigonometria através de atividades práticas”, defendido em 1992, objetivou contribuir com professores e alunos para o desenvolvimento do pensamento reflexivo-crítico, a partir de conceitos de Geometria e Trigonometria. Para tanto, apresentou sequências didáticas e dentre as conclusões, afirma que: “[...] quanto mais se permitir à criança o uso de experiências diretas, melhor se efetivará a organização do seu pensamento” (Arruda, 1992, p. 75).

A DOCÊNCIA: A INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR E O ENSINO DE MATEMÁTICA NO CURSO NORMAL DO IEEOB

Em 1977 o Prof. Ednel teve sua primeira experiência profissional, que professor é um momento marcante em sua trajetória. Segundo Huberman (1995), nos anos iniciais da pro-

fissão estão presentes sequências de exploração e de estabilização, de modo que na fase inicial, o professor busca consolidar sua identidade profissional, desenvolver habilidades pedagógicas e estabelecer uma relação de confiança com os estudantes. A primeira experiência profissional, embora possa ser desafiadora, também oferece oportunidade de crescimento pessoal e profissional, indicando o caminho que o docente seguirá ao longo de sua carreira.

Prof. Ednel: *Eu estava no segundo ou terceiro ano da faculdade quando fui contratado pelo município, fui trabalhar na Escola Dom Luís Victor Sartori, que era o meu objetivo, trabalhar. Além de ter sido importante por ser o primeiro contato com alunos em sala de aula, foi significativo, pois pude realizar a graduação com mais tranquilidade. Como professor eu podia jogar com meus horários, antes eu trabalhava [...] na Companhia Brasileira de Vidros do Brasil-CCB, então eu saía correndo de lá para poder entrar na faculdade.*

Dessa forma foi na rede municipal de ensino de Santa Maria que o entrevistado iniciou sua carreira como regente de Matemática nas últimas séries do Ensino de 1º Grau, que corresponde ao Ensino Fundamental-anos finais. Nesse período, onde o Prof. Ednel enfrentou desafios significativos de sua profissão, especialmente na elaboração de planos de aula. Entretanto, destaca o apoio recebido pela coordenadora pedagógica da Escola Dom Luís Victor Sartori.

Prof. Ednel: *Eu tive uma professora no município que me ajudou muito a fazer um plano, planejamento, esse plano de curso, essas coisas. Ela me pediu para fazer um plano eu não sabia nada eu não tinha concluído a Matemática, fiz e entreguei para ela, Heloísa Maciel, também foi professora da Universidade foi professora da pós-graduação, foi professora da FIC. Eu trabalhei com ela, era excelente. A primeira coisa que ela disse quando me chamou na sala dela foi: olha Ednel, eu gostei muito do teu plano, está muito bom, mas quem sabe a gente muda isso aqui, muda aquilo ali. Quando eu saí da sala dela, aquele plano que eu tinha feito não existia mais, estava totalmente modificado, como devia ser realmente. Futuramente eu tive outra professora que era coordenadora, mas daí já sabia alguma coisa sobre plano de curso essa pessoa, não sei por maldade ou por falta de preparo, quando cheguei lá ela mostrou meu plano todo cheio de riscos vermelhos, isso aqui está errado. Eu disse, o plano é meu, não risca meu plano, me chama, vamos conversar, você pode dizer isso está errado, mas não risca o meu plano. Ela ficou toda sem jeito. Mas para você ver diferença. Com a primeira coordenadora, Heloísa, aprendi muito. Deve ser função do coordenador, qualquer dificuldade dizer, vem aqui, conversa comigo, nós podemos discutir junto, sugerir tal coisa. Claro que depois eu entendi que a sugestão dela é praticamente uma ordem né, mas funcionou a maneira dela fez toda a diferença.*

Dependendo das condições em que o professor seja exposto, as perspectivas iniciais podem encorajar e estimular ou se tornar em desilusão. Diante disso, é necessária atenção e cautela com professores novatos. Para isso, é importante destacar o papel do coordenador pedagógico no espaço escolar. Este profissional é por essência um formador de professores e, portanto, precisa aprimorar habilidades e competências, para auxiliar os docentes nesse processo contínuo de reflexão sobre a prática, nas tarefas diárias, na proposição de intervenções, na organização de projetos de interesse da escola e nas necessidades dos alunos (Veiga, 2009).

Posteriormente, passados nove anos atuando na Escola Dom Luís Victor Sartori, encerrou sua passagem pela instituição na função de vice-diretor. Em 1986, a convite do diretor Mario Fortes, do IEEOB, o Prof. Ednel foi trabalhar na escola e, assim, ingressou no Curso Normal inicialmente como professor de Física. No ano seguinte, 1987, surge a possibilidade de assumir a matéria Matemática, a qual ministrou até sua licença aposentadoria em 2008.

Prof. Ednel: *Eu fui para o Bilac em março, abril de 1986. Eu cheguei lá cheio de grau, eu sabia tudo. Sabia nada. Ainda caí no magistério que era uma coisa bem diferente, poucas aulas, eu acho que era duas aulas que eu tinha que trabalhar Física, aí foi um aprendizado. Quem me ajudou muito a entender qual era o meu papel naquele contexto todo foi a Profa. Gelsa Silveira, está aposentada, ela era coordenadora. Ela estava sempre pronta para ajudar, fazer um plano. Então, fui me moldando, aí eu descobri que eu sabia muito pouco. Mas eu tinha disposição para aprender e aprendi muita coisa. Eu acho que o professor está aprendendo todos os dias, ainda mais agora com tecnologias presentes em tudo.*

Ser professor do Curso Normal, além de requerer estudo e dedicação, demandou uma profunda compreensão da importância do papel do educador na formação dos futuros profissionais da educação. Foi necessário mergulhar principalmente em temas de cunho pedagógico, explorar metodologias e estar constantemente atualizado sobre as transformações no campo educacional. Além disso, ser professor do Curso Normal implicou em desenvolver habilidades de liderança, empatia e capacidade de adaptação, para guiar os alunos nessa jornada de descoberta e aprendizagem. Acerca dos saberes da profissão professor, Tardif e Raymond (2000) explicam que os conhecimentos necessários para ensinar não são apenas sobre os conteúdos em si, mas incluem habilidades pedagógicas, compreensão do desenvolvimento do aluno, estratégias de ensino e consciência do contexto educacional.

A partir dessa perspectiva dos autores, entende-se que os saberes da profissão professor, vão além dos conhecimentos das matérias, abrangem experiências e habilidade de articular teoria e prática. O meio que o Prof. Ednel estava inserido, o Curso Normal, juntamente com seu empenho contribuíram para que ele se apropriasse dos saberes da profissão professor.

Prof. Ednel: *O Curso Normal dentro do Bilac era um grupo diferenciado. Era um grupo fechado, fechado mesmo. Fechado que eu digo não é que eles se sentissem superiores aos outros professores, mas eles eram pessoas que preparavam professores, e preparavam muito bem. A convivência entre o grupo de professores era muito boa, todo mundo se dava bem, ali claro sempre teve exceções. O relacionamento entre professores e alunos também era muito bom porque nós trabalhamos principalmente com meninas e meninos adolescentes. Não tinha problemas de indisciplina. Era muito raro ter um problema de indisciplina.*

Embora pouco existisse indisciplina nas aulas do Prof. Ednel, sabemos que é um desafio abrangente na educação. Esse problema engloba questões sociais, emocionais e educacionais, impactando negativamente o processo de ensino e aprendizagem. Diante, de situações que pudessem impactar negativamente suas aulas o entrevistado comenta que optava pelo diálogo.

Prof. Ednel: *Uma das características que se destacam era a facilidade de conversar com os alunos, eu tenho orgulho de ter sido amigo das minhas alunas. Olha o que eu vou dizer agora, isso é uma coisa interessante e importantíssima, você conversar com os alunos, como eu fazia, cinco minutos, você termina com aquele mal-estar da turma. Se uma está com problema, todo mundo em roda, vamos conversar, o que houve com a fulana? O rendimento após essa conversa era muito maior e o respeito e a responsabilidade, aquilo ali aproximou, então elas se interessavam muito mais porque eu dei atenção para elas que se eu chegasse e falasse isso não é comigo, deixa para lá. Cinco minutos que você faça isso, estabelece um relacionamento muito mais fácil com uma turma toda e a atenção que elas vão ter e o respeito contigo é muito maior.*

O Prof. Ednel demonstra em suas falas ser um sujeito comunicativo, atributo que foi possível constatar durante a entrevista. Talvez essa característica tenha colaborado para que além dele ser professor no Curso Normal, desempenhou também outras funções fundamentais no âmbito escolar e colaborou em assuntos para além do ensino:

Prof. Ednel: *Eu fui coordenador da Matemática de toda escola. Fui coordenador, eu não sei quanto tempo, mas foram vários anos. Fizemos bons trabalhos. [...] Eu colaborei para a escola Olavo Bilac, [...] tentei melhorar o problema de estrutura e tal. Consegui um amigo que deu uma ajuda bastante significativa para reformar o Pavilhão.*

No período que o Prof. Ednel foi coordenador da Matemática existiam na escola grupos de estudo que funcionaram de 1986 até início dos anos 2000. Dentre estes destacam-se o Grupo de Estudo de Matemática (GEM) e o Grupo de Estudo de Didática (GED). Quando se pergunta ao entrevistado se ele recorda se havia troca de experiências entre o GEM e o GED ele respondeu que:

Prof. Ednel: *Sim, às vezes acontecia uma reunião geral no salão e se trocava experiências. Tiveram alguns momentos no IEEOB, encontros de várias escolas que era o CEFAM, patrocinado pelo estado, que vinham verbas para isso, então nós conseguimos reunir professores municipais, estaduais e federais e fazer uma discussão. Mas além do CEFAM que acontecia uma vez por ano eu acho e era dois, três dias, também aconteciam reuniões. Nas reuniões gerais, se trocava ideias com outras disciplinas, não só com as didáticas, mas também, a gente conversava muitos com outros grupos, grupo de história, de estudos sociais, grupo de linguagens, não com muita frequência, mas acontecia. O ensino no Bilac era muito integrado, houve uma época, depois foi deteriorando.*

O CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério - foi um movimento iniciado em São Paulo e abarcado pelo Ministério da Educação em 1982, como sendo uma proposta de revitalização do Curso Normal. Em 1983 o Rio Grande do Sul se insere a esse processo e, conseqüentemente em 1985, por meio do Parecer nº 266 emitido pelo Conselho Estadual de Educação (CEED), o IEEOB passou a integrar o CEFAM como polo irradiador de renovação do Curso Normal para Santa Maria e região. Dessa forma, os grupos de estudo organizados na escola nesse momento de reanimação da formação de professores formam importantes espaços para os professores compartilharem estudos e vivências. Especialmente, no caso do GEM e do GED o Prof. Ednel comenta que:

Prof. Ednel: *A Matemática contribuía com conteúdos de matemática para com a Didática. A professora que trabalhava Didática da Matemática não era formada em Matemática, ela era formada em Pedagogia. Mas a Didática da Matemática que ela desenvolvia, ela estudava muito e surgiam algumas dúvidas, então ela recorria para o professor de Matemática. E o professor de Matemática não era formado em didática, pedagogia, por exemplo alguma coisa que eu tinha que trabalhar de séries iniciais, eu perguntava, eu vou trabalhar com isso aqui, eu não quero trabalhar da mesma maneira que você trabalha, mas eu quero umas dicas, então a professora de Didática da Matemática me dava, emprestava material, várias vezes aconteceu essa troca, foi bom. Eu não sei como funcionava depois que eu saí de lá, não sei se continuou a Didática da Matemática e a Matemática trabalhando assim. Mas era bem interessante! Tinha um grupo bastante unido na época.*

A integração do Prof. Ednel com a escola envolve vínculos e sentimento de pertencimento, pois percebe-se em sua fala a compreensão de dinâmicas da instituição e a colaboração com outros professores, especialmente os da Matemática e Didática da Matemática. As múltiplas funções desempenhadas pelo entrevistado evidenciam sua experiência e compromisso em contribuir ativamente para o aprimoramento da educação no Curso Normal e no desenvolvimento do IEEOB como um todo.

Além disso, essa inserção do Prof. Ednel com a comunidade escolar é importante também para o ensino de matemática. Ao conhecer o contexto e o perfil dos estudantes existia a possibilidade de ele adaptar sua forma de ensinar de acordo com as necessidades específicas do Curso Normal.

Prof. Ednel: *O aluno do Curso Normal tem que entender que a Matemática desenvolve a capacidade de raciocínio desde pequenininho.*

Esta função da Matemática ressaltada no discurso do Prof. Ednel José Arruda pode também ser observada no Plano Integrado do IEEOB, tendo em vista que nesse documento consta que “[...] a Matemática deve auxiliar o aluno a desenvolver o raciocínio lógico, bem como levá-lo a relacionar acontecimentos matemáticos com as situações práticas do cotidiano” (Ileob, 1997, p. 88).

O ensino de matemática desempenha um papel essencial na formação educacional e no desenvolvimento cognitivo dos humanos. A matéria no âmbito escolar proporciona aos alunos oportunidade de adquirir habilidades fundamentais, como pensamento lógico, resolução de problemas e abstração. Além disso, a Matemática possui linguagem universal que pode possibilitar a comunicação e a compreensão de conceitos complexos em várias áreas do conhecimento.

A carga horária de Matemática no Curso Normal é outro ponto que precisa ser observado. Na base curricular vigente a partir de 1993, constata-se 224h reservadas ao ensino de Matemática (Ileob, 1993). Deste total, nota-se que está registrado a lápis, uma anotação que indica uma carga horária de 99h para a 1ª série. Esse tipo de informação permite concluir que eram três aulas semanais, já que o ano letivo desse período era de 33 semanas. Sendo assim, as demais 125h da matéria Matemática, são distribuídas provavelmente em quantidades diferentes entre a 2ª e 3ª série.

Prof. Ednel: *Nós tínhamos um problema na Matemática especificamente, que era, por exemplo, a maioria das escolas possuem de 4 a 5 horas semanais de Matemática e no Curso Normal tinha que ver o mesmo conteúdo, porém em 3 ou 2 horas. Eu sabia o programa que tinha e eu tinha que selecionar de uma maneira sem muito prejuízo. Então tinha que fazer uma opção, eu tinha duas opções: ou diminuir o conteúdo, eliminar alguma parte ou ver superficial. Eu optei por aprofundar. O que eu achava que já havia sido contemplado no Ensino Fundamental, passava rápido e me detinha no que é especificamente do Ensino Médio. Então, eu optei pela qualidade.*

Essa restrição de tempo mencionada pelo Prof. Ednel levava a tomar decisões difíceis em relação ao conteúdo a ser abordado. Ele estava ciente do programa estabelecido, e precisava selecionar de forma a minimizar os prejuízos. Diante disso, o Prof. Ednel optou por priorizar a qualidade do ensino, concentrando-se em explorar de maneira mais aprofundada os tópicos relevantes para a formação dos alunos. Esta tarefa de decidir quais conteúdos deveriam ser desenvolvidos em determinada série, o que era complexo:

Prof. Ednel: *Diminuir o conteúdo é muito difícil, eu fui me aperfeiçoando com o tempo. Isso aqui não vale a pena trabalhar, vamos investir mais nisso aqui.*

Tal argumento pode aproximar entendimentos do Prof. Ednel com o que está proposto em orientações estabelecidas no PCN: “A seleção e organização de conteúdos não deve ter como critério único a lógica interna da Matemática. Deve-se levar em conta sua relevância social e a contribuição para o desenvolvimento intelectual do aluno. Trata-se de um processo permanente de construção” (Brasil, 1997, p. 19).

Através do Regimento Escolar de 2008, identifica-se a ementa da Matemática no Curso Normal os seguintes tópicos: “Números fracionários. Números decimais. Interpretação de gráficos. Operações fundamentais em Naturais. Geometria: formas e medidas” (Ieeob, 2008, p. 35). Em relação aos conteúdos ensinados o Prof. Ednel enfatiza um extrato de uma atividade sobre medidas.

Prof. Ednel: *Agora nós vamos fazer a medição do telhado do prédio principal. Mas o interessante é eu não disse para eles, vamos trabalhar com conteúdo que vocês virem aula. Disse: quero saber quanto mede. Não tem como subir, teria que chamar os bombeiros. Eu quero saber como é que pode, o que é que pode ser usado, nós temos condições, nós vamos fazer. Assim que comecei a questionar os alunos. Em seguida um deles disse, vamos usar Geometria. Está indo para o caminho. Como vão usar geometria? O que sugere? Os alunos abriram o caderno e disseram: Professor, será que não dá para fazer por triângulos? Semelhança de triângulos? [...] Chegaram à conclusão que era possível medir. Fizeram aproximado.*

A partir da atividade detalhada pelo Prof. Ednel, observa-se a utilização de temas como Geometria e Medidas, abordados no PCNEM. Tal documento menciona que no Ensino Médio é importante para o aluno “[...] o desenvolvimento da capacidade de estimativa da ordem de grandeza de resultados de cálculo ou medições e da capacidade de tratar com valores numéricos exatos ou aproximados de acordo com a situação e o instrumental disponível” (Brasil, 2000, p. 122). Dentre os conteúdos desenvolvidos propostos, o que o Prof. Ednel mais citou durante a entrevista foi em relação à Geometria,

Prof. Ednel: *Dentro da sala aula, medir, caminhar, com passos porque unidade de medida os alunos achavam que era só o metro. Pode ser palmo, passos. Então eles mediam parede, classes. Eles diziam que o meu tem tantos palmos, tem tantos passos.*

Outro momento que ele lembrou foi:

Prof. Ednel: *Uma vez levaram papel, dobraram, fizeram medidas, fizeram um trilho para medir. Usava outras medidas, não precisava ser o metro. Vamos criar outra unidade de medida. Uma fitinha de papel era a unidade de medida. Vamos medir a sala de aula com tantas fitinhas. A fitinha é a unidade de medida.*

Com isso, o Prof. Ednel está propondo atividades que enfatizam a apropriação dos conceitos por meio de experiências realizadas em sala de aula. Ao utilizar fitas como uma unidade de medida, os alunos foram instigados a explorar conceitos geométricos, como comprimento, segmentos de reta e unidades de medida não convencionais. Além disso, ao criar um trilho para medir, eles aplicaram noções de alinhamento e direção, observando as relações espaciais entre os objetos e o ambiente. Essa atividade proporcionou uma abordagem prática e concreta da geometria, incentivando os alunos a pensarem de forma criativa e a compreender a importância das medidas na representação e análise de formas e espaços. Na perspectiva de uma especialista na história do ensino de geometrias tem-se que “[...] a prática e o ato de medir foram valorizados nas atividades dos alunos, de maneira que os próprios alunos construíssem suas unidades de medir (seus instrumentos) que efetuassem atos de medir e desenvolvessem a estimativa de medidas” (Leme da Silva, 2021, p. 174).

Em relação às formas de abordar os conteúdos de Matemática no Curso Normal, o Prof. Ednel relata que procurava adotar estratégias que fossem significativas e engajadoras para os alunos. Ele buscava estimular a participação dos alunos e o desenvolvimento de habilidades como raciocínio lógico. O objetivo era proporcionar uma aprendizagem, que fosse além da memorização de fórmulas, e preparar os estudantes para uma compreensão mais ampla e aplicada da Matemática em suas vidas e futuras práticas educacionais.

Prof. Ednel: *Mais no fim da minha carreira como professor eu comecei a trabalhar com coisas mais práticas dentro do possível, mas eu sempre preferi trabalhar com as coisas que eu era mais seguro. Então, quando eu saía para dar uma aula um pouco diferente eu sabia que aquela aula estava bem preparada e ia ser uma boa aula. Eu não me aventurava, eu vou dar uma aula para ver se cola. Se cola é muito complicado. Dá uma mistura, você faz uma confusão desgraçada, você tem que estar seguro. A aula tradicional pode, vale, é boa se tiver qualidade, se você estiver seguro, é boa. Você pode dar uma aula supostamente tradicional só com giz na sala de aula, entra lá e conversa com os alunos, desenha no quadro, vai dar uma aula vamos dizer assim, progressista, colocando um certo contexto. As minhas aulas eram diferentes, não era aquela tradicional, é um pouco fora daquela tradicional.*

Para elaboração das aulas o Prof. Ednel realizava a leitura de vários livros. Conforme foi mencionado na entrevista, as aulas eram apresentadas no quadro, ele não fazia uso de apostilas, raramente levava algum material em xerox. Um dos recursos que o Prof. Ednel lembrou foi um cordão que usava no lugar do compasso.

Prof. Ednel: *Eu usava muito era cordão. Um cordãozinho eu amarrava o giz.*

Por meio da entrevista, é possível identificar que o Prof. Ednel demonstra saber lidar com características específicas do Curso Normal, preocupando-se com a formação geral em Matemática, mas também com a formação profissional. Suas reflexões destacaram a importância de uma formação sólida em matemática, a necessidade de estratégias flexíveis e contextualizadas, bem como o papel fundamental de incentivar o desenvolvimento do raciocínio lógico nos alunos. Além disso, a entrevista ressaltou a importância de uma abordagem reflexiva e questionadora, que estimule a participação ativa dos estudantes e promova uma aprendizagem significativa. Ao encerrar este artigo, espera-se que as experiências e ideias compartilhadas pelo Prof. Ednel sirvam como inspiração e referência para educadores e pesquisadores interessados em aprimorar o ensino de matemática, contribuindo assim para uma educação matemática de qualidade e para o desenvolvimento dos estudantes.

CONCLUSÕES

O objetivo deste artigo é apresentar memórias da formação do Prof. Ednel, sua trajetória profissional e o ensino de matemática no Curso Normal do IEEOB no período de 1987 a 2008. Durante a análise da entrevista, alguns elementos foram marcantes e se destacaram: i) o Prof. Ednel constituiu-se professor de Matemática influenciado por haver escassez no campo de trabalho e pela afinidade com a matéria; ii) mostrou-se comprometido com a educação, sendo aluno e professor zeloso; iii) carrega em sua trajetória o compromisso com as instituições, tanto as que foi estudante quanto as que desenvolveu suas atividades profissionais, na medida em que estudou com afinco e contribuiu para a formação dos estudantes do Curso Normal, sendo um professor hábil e crítico, capaz de cooperar com a comunidade escolar; iv) como professor demonstrou atitudes que evidenciam motivação, capacidade de trabalhar em equipe, conhecimento da área da Matemática, metodologia flexível e segura do que e como ia ensinar e boas relações interpessoais; v) demonstrou a importância de ter consideração e respeito pelos estudantes, de afetividade e empenho na profissão; vi) preocupou-se com a aprendizagem em Matemática dos estudantes do Curso Normal que possuíam carga horária reduzida na matéria em relação ao Ensino de 2º Grau e Ensino Médio; vii) em sua trajetória docente enfrentou desafios relacionados a saberes do campo pedagógico, em especial na elaboração nos planos de ensino do professor, entretanto foram superados com a contribuição de coordenadoras pedagógicas.

A partir dos depoimentos do Prof. Ednel, percebe-se que a trajetória escolar, acadêmica e profissional apresenta congruência e uma riqueza de experiências que se refletiram no ensino de matemática no Curso Normal do IEEOB no período de 1987 a 2008, espaço de tempo que o entrevistado ministrou a matéria Matemática. Por fim, o artigo contribui com a história da educação matemática no Curso Normal do IEEOB, pois embora existam outros trabalhos nessa direção, não há registros de estudos anteriores à realização desta pesquisa no que tange a Matemática. Sendo assim, sugerimos que outros professores e/ou alunos sejam entrevistados para ampliar a história.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ednel José. **Da semelhança a Trigonometria através de atividades práticas**. 1992. Monografia (Especialização) - Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Matemática, Santa Maria, 1992.
- BAIRROS, Catia Pascotini. **Histórias de vida e narrativas de quatro professoras normalistas**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, Santa Maria, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/16682>. Acesso em: 07 abr. 2024.
- BRASIL. Exército Brasileiro. 1º Centro de Geoinformação. **078 - Régua de Cálculo**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://1cgeo.eb.mil.br/sala-historica-gen-malan/719-078-regua-de-calculo>. Acesso em: 05 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- BÚRIGO, Elizabete Zardo; FISCHER, Maria Cecília; SANTOS, Monica Bertoni dos. Considerações acerca da matemática moderna no Rio Grande do Sul. *In*: BÚRIGO, Elizabete Zardo; FISCHER, Maria Cecília; SANTOS, Monica Bertoni dos. (Orgs.). **A matemática moderna nas escolas do Brasil e Portugal: novos estudos**. Porto Alegre: Redes, 2008. p. 35-45.
- CORADINI, Carla. **Vestígios da matemática no Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac em Santa Maria/RS: trajetórias, acervos e memórias**. 2022. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Ensino de Física, Santa Maria, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/25864>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- CURI, Edda. **Formação de professores de Matemática: realidade presente e perspectivas futuras**. 2000. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18494>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- DYNNKOV, Circe Mary Silva da Silva; HEIDT, Makele Veronica. Inserção da Matemática Moderna na formação de normalistas do Instituto de Educação Assis Brasil. **Educação**, v. 42, n. 2, p. 213-224, 2019. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.2.33798>
- FARIAS, Osvaldo Cordeiro de; SOUZA, José Pereira Coelho de. **Decreto nº 97, 16 jul. 1941, RS**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105585>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- GAZZONI, Alcibíades. O curso de Matemática chega aos 50 anos reconhecido pelo bom ensino e pela dedicação de personagens que nele atuaram e fizeram história. **Disciplinarum**

Scientia: Ciências Naturais e Tecnológicas, v. 9, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumNT/article/view/1231>. Acesso em: 19 fev. 2021.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 31-61.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Livreto**. Santa Maria, 1961.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Livreto**. Santa Maria, 1962.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Livro de Notas do Curso Complementar**. Santa Maria, 1932.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Livro de Notas do Curso Complementar**. Santa Maria, 1939.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Plano Integrado**. Santa Maria, 1997.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Regimento Escolar**. Santa Maria, 1993.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO OLAVO BILAC. **Regimento Escolar**. Santa Maria, 2008.

LEME DA SILVA, Maria Celia. **Histórias do ensino de geometria nos anos iniciais e seus parceiros: desenho, trabalhos manuais e medidas**. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Rubia Machado de. **“Sociologia serve pra quê?”: as práticas escolares do ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria - RS**. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Santa Maria, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6277>. Acesso em: 07 abr. 2024.

PACHECO, Luiza Segabinazzi. **Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac - 110 anos preservação e historicidade**. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Santa Maria, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/10977>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PEREZ, Carlos Blaya. **A fotografia na narrativa histórica: o resgate da história da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul**. 1998. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Campinas, 1998. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1998.132988>

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 7.681, de 9 de janeiro de 1939**. Transforma a Escola Normal General Flores da Cunha, com os estabelecimentos anexos, em Instituto de Educação, dispõe sobre a formação geral e profissional de professores primários e especializados e administradores escolares e dá outras providências. Porto Alegre: 1939. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189957>. Acesso em: 24 mar. 2024.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 73, p. 209-224, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000400013>

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores**. Campinas: Papyrus, 2009.

Histórico

Recebido: 18 de abril de 2024.

Aceito: 13 de julho de 2024.

Publicado: 28 de julho de 2024.

Como citar – ABNT

CORADINI, Carla; MARIANI, Rita de Cássia Pistóia. Narrativas de um professor de matemática do Curso Normal do IEEOB: descortinando memórias. **Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC**, Belém/PA, n. 47, e2024025, 2024. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2024.n47.e2024025.id614>

Como citar – APA

Coradini, C., & Mariani, R. de C. P. (2024). Narrativas de um professor de matemática do Curso Normal do IEEOB: descortinando memórias. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (47), e2024025. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2024.n47.e2024025.id614>